



## **SOBRE TUTORIA VIRTUAL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: caracterizando o teletrabalho docente**

Daniel Mill; Fernando Fidalgo

**Resumo:** Neste texto, apresenta-se uma análise geral sobre o padrão de organização que a educação a distância tem tomado no Brasil. O objetivo aí latente era caracterizar a figura do tutor virtual na estrutura organizacional, de forma a defender o argumento de que, no conjunto da polidocência da EaD, somente o tutor virtual pode ser considerado um teletrabalhador. Indiretamente, pretendeu-se identificar as implicações do teletrabalho para o docente da EaD e, também, analisar como tem se configurado as condições de trabalho desse teletrabalhador. Observou-se que o tutor virtual é uma figura-chave do processo educacional da EaD. Entretanto, malgrado sua importância para o processo de ensino-aprendizagem, este trabalhador tem se submetido a condições de trabalho inadequadas à idéia de educação de qualidade e de docência como profissão — o que afeta a saúde, as competências, o poder de barganha, a vida familiar e profissional do docente. nenhum desses aspectos poderia ser analisado ou compreendido sem, antes, caracterizarmos o teletrabalhador docente da EaD: o tutor virtual.  
Palavras-chave: teletrabalho, tutor virtual, educação a distância e docência.

### **Introdução: sobre o tutor virtual**

Com o desenvolvimento da modalidade de educação a distância (EaD), surgem novas figuras profissionais no trabalho docente. A relação ensino-aprendizagem agora conta, por exemplo, com o docente-tutor — que não é exatamente um professor. Entre as denominações atribuídas a este docente, estão: tutor virtual, tutor eletrônico, tutor presencial, tutor de sala de aula, tutor local, orientador acadêmico, animador e diversas outras. O que caracteriza este trabalhador é sua função de acompanhar os alunos no processo de aprendizagem, que se dá, na verdade, pela intensa mediação<sup>1</sup> tecnológica. O docente-tutor participa do ensino-aprendizagem mais como um mediador e motivador na relação do aluno com material didático, em busca do conhecimento. Independentemente da denominação que recebe, esse tutor é responsável pela mediação pedagógica da construção do saber de seus alunos.

---

<sup>1</sup> Destaca-se que, neste trabalho, estamos utilizando o termo “mediação” e a expressão “por meio de” como intercambiáveis. Ainda que isso tenha ocorrido apenas de forma eventual, é importante que se tenha claro que, conceitualmente, não são sinônimos e que nem sempre são intercambiáveis. Em verdade, o termo “mediação” é bastante confuso e, com certa frequência, utilizado inadequadamente. Enquanto “por meio de” refere-se a um simples “veículo” de alguma coisa, “mediação” mostra-se bem mais complexo. Por exemplo, a compreensão de “mediação” pressupõe a consideração sobre os seus diversos elementos constitutivos e sujeitos envolvidos no processo. Essa complexidade pode ser percebida no argumento de Cavalcanti (2005: 189): *a relação sujeito-objeto não é de interação, é dialética, é contraditória e é mediada semioticamente. A mediação semiótica, por sua vez, é uma mediação social, pois os meios técnicos e semióticos (a palavra, por exemplo) são sociais.*



Esses tutores podem, entretanto, ser divididos em duas categorias: uma que acompanha os alunos presencialmente, com encontros freqüentes ou esporádicos; e outra que acompanha os educandos a distância, por meio de tecnologias de informação e comunicação. À primeira categoria denominaremos de tutoria presencial e, à segunda, de tutoria virtual. É este trabalhador docente da educação a distância mediada por tecnologias digitais conhecido, como **tutor virtual**, que estará no centro da análise deste texto. O objetivo deste texto é compreendê-lo melhor: onde ele se localiza na estrutura organizacional da EaD

Partimos do princípio que a compreensão desse “profissional” no conjunto dos trabalhadores docentes da EaD é condição essencial para análises em torno das suas competências principais, das tecnologias que ele utiliza, dos males podem acometer sua saúde, da sua logística de trabalho, da sua concepção sobre aspectos agradáveis ou desagradáveis do trabalho na EaD... para além disso, sem compreender o trabalhador da EaD, consideramos incompleta qualquer análise sobre espaço-tempos de trabalho, relações sociais de sexo no ambiente de trabalho, coletividade de trabalho ou trabalho coletivo, usos do tempo e do espaço de trabalho, implicações do teletrabalho etc. Enfim, parece-nos essencial compreender o trabalho do tutor virtual, identificando-o na estrutura polidocente do magistério a distância.

## **1. Entendendo a estrutura organizacional da educação a distância contemporânea**

Em um de seus manuscritos, Karl Marx apontou como as inovações tecnológicas (associadas às pesquisas e aos pesquisadores) estão inseridas no processo de acumulação capitalista (MARX, 1980). Mais de um século e meio depois das reflexões marxistas, seus argumentos persistem válidos. A cada inovação tecnológica apresentamos novos “milagres”, sob o argumento da capacidade infinita de resolução dos problemas humanos do cotidiano. Há sempre uma promessa nessas inovações tecnológicas— é o que nos insinua Mattelart (2002). Atualmente, vivemos o “milagre” das mídias. Muitas promessas escondem-se atrás dessas novas “máquinas”.



Como dissemos anteriormente, o século XXI trouxe consigo uma outra **era**: a *Idade Mídia*<sup>2</sup>. Atualmente, estamos experimentando um processo de convergência entre as mídias até recentemente inconcebível. Essa convergência, resumida na fusão das telecomunicações com a informática (telemática), penetrou quase todas as áreas do conhecimento e reorganizou praticamente todos os espaços e tempos de convivência ou exploração humana. Na Idade Mídia não há muita “vida” sem mediação midiática. As tecnologias de informação e comunicação, em especial, conseguiram penetrar nos poros da sociedade e, também, dos indivíduos, na sua privacidade. Todos os setores da economia experimentam alguma influência dessa convergência midiática característica da Idade Mídia. Alguns setores a assimilaram rapidamente e a utilizam muito intensamente. Outros, porém, a exemplo da educação, resistiram por longo tempo a admitir os benefícios (e malefícios) das tecnologias de informação e comunicação em suas atividades. Mas aconteceu! Até a educação já utiliza intensamente tais tecnologias. Nos últimos dez anos, com o desenvolvimento das tecnologias digitais, a modalidade de EaD passou por uma perceptível evolução nas suas formas de organização<sup>3</sup>. As tradicionais formas de educação não-presencial, que se baseavam quase que exclusivamente no material impresso, cederam lugar a novas iniciativas de ensino-aprendizagem a distância. Não tardou muito para que a educação ingressasse no enorme grupo de áreas dominado pela telemática: um dos últimos “espaços” a ser conquistado pelas tecnologias da Idade Mídia.

Nesse contexto de evolução tecnológica, surgem em todo o território brasileiro propostas de formação profissional por meio da educação a distância. Esse movimento encontra favoráveis ventos no âmbito social e político. Socialmente, porque a demanda por vagas na educação pública superior sofrera aumento exorbitante e, por conseguinte, politicamente, porque os governantes viram na EaD uma alternativa de atender à

---

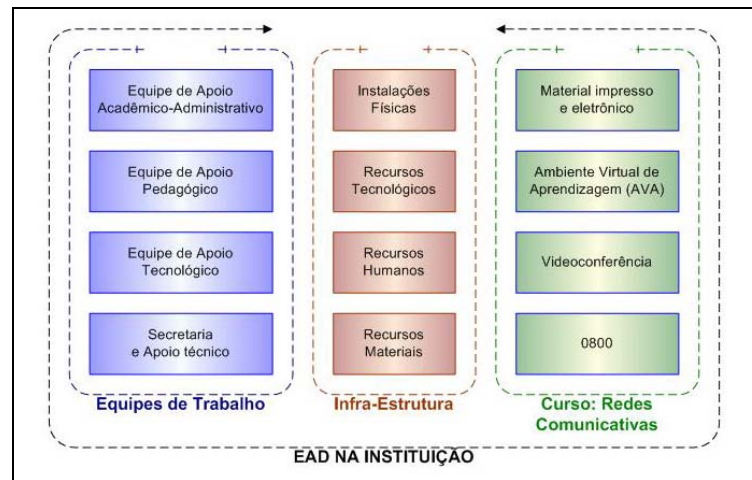
<sup>2</sup> Por Idade Mídia, entendemos essa *era* que estamos presenciando atualmente... **era** em que o capital faz uso das tecnologias de informação e comunicação, de todas as técnicas e tecnologias que estruturam as novas redes comunicacionais, para colonizar os indivíduos em si, estando interessados nisso ou não. Essas técnicas e tecnologias possibilitam, agora, novas formas de controle e coesão social cada vez mais eficazes, uma vez que elas são também mais agradáveis. Nessa nova *era*, o capitalismo não se limita, ironicamente, a atingir todas as pessoas de uma vez. Agora não é a comunicação de massa que está no centro das atenções, pois esta não considera o que pensa e sente cada sujeito que a compõe. A telemática trouxe a possibilidade de capilarizar a sociedade e colonizar a subjetividade de cada um dos seus membros. A essa *era* de convergência midiática, configurada sob uma nova forma de manipulação capitalista, mais perversa, apesar de menos agressiva aos indivíduos (MILL, 2006).

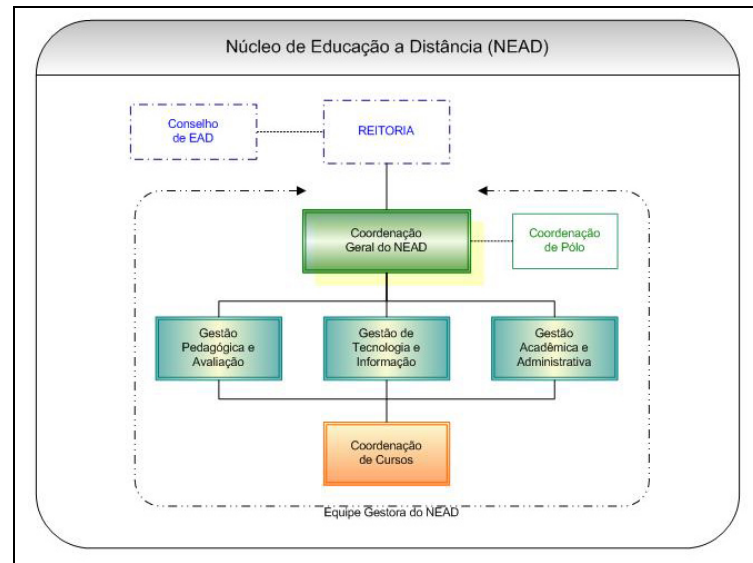
<sup>3</sup> Dados estatísticos sobre a evolução recente da educação a distância no Brasil podem ser encontrados, resumidamente, em SINPRO-SP (2006) e, mais detalhadamente, em ANUÁRIO... (2005).



demanda social pelas vagas nas universidades. Enfim, a criação de novas vagas ou mesmo de novas universidades públicas para o atendimento da demanda social cedeu lugar à implementação de programas de educação a distância no âmbito da educação superior. Esse movimento torna-se, subitamente, gigantesco e chega a roubar a cena das iniciativas de investimento público nas universidades privadas. O vegetativo aumento das vagas nas universidades públicas presenciais e o vertiginoso crescimento das vagas em universidades particulares acabaram cedendo lugar a investimentos na EaD. Tanto as universidades privadas quanto as públicas presenciais foram levadas a criarem propostas de educação a distância.

Todo esse processo esclarece, ainda que superficialmente, os motivos de quase todas as universidades virtuais terem surgido no seio de universidades presenciais tradicionais. Desconhecemos a existência de alguma universidade totalmente virtual. O modelo mais recorrente foi a germinação de uma Unidade de EaD, vinculada espaço-temporalmente a uma instituição presencial proponente, no seio da qual deveria crescer e tomar corpo. Entretanto, mesmo após “adulta”, essas instituições de EaD não conseguiram (ou não quiseram) perder o vínculo com as instituições maternas. Grosso modo, uma Unidade de EaD (ou NEaD – Núcleo de Educação a Distância) nasce numa instituição presencial com os elementos demonstrados na Figura 1.





**Figura 1.** Elementos básicos necessários para o oferecimento de cursos a distância (organização do NEaD – Núcleo de Educação a Distância) — Fonte: Mill (2006).

## 2. Caracterizando os teletrabalhadores da EaD: quem é o docente virtual?

Antes de qualquer análise da condição de teletrabalhador do docente virtual, é necessário fazer duas pequenas precisões nessa aproximação do educador ao teletrabalhador. É importante que esteja claro *quem é o docente da educação a distância* e também *qual dos docentes da EaD nos interessa* nesta investigação.

Como foi discutido em Mill (2002), o trabalho docente a distância se organiza de forma coletiva e cooperativa. O trabalho nessa modalidade educacional é extremamente fragmentado e cada parte das atividades que compõem o trabalho docente virtual é atribuída a um trabalhador diferente (ou a um grupo deles). Entretanto, existe uma interdependência entre as atividades dos vários profissionais envolvidos, de forma que um pode não conseguir realizar “sua parte” do trabalho sem que o colega de trabalho faça a parte dele. Obviamente, um mesmo profissional pode realizar mais de uma parte, mas isso não muda a estrutura organizacional maior. Trata-se de uma dinâmica de organização do trabalho bastante próxima do estabelecido pelo taylorismo-fordismo, apesar de, paradoxalmente, estar muito próximo também das características do toyotismo, haja vista a flexibilidade preponderante na educação a distância.





Enfim, a esse conjunto articulado de trabalhadores, necessário para a realização das atividades de ensino-aprendizagem na educação a distância, denominamos de **polidocência**<sup>4</sup> (MILL, 2002). Belloni (2003: 79) também refere-se a esta “nova” divisão do trabalho pedagógico. Ela questiona: *Afinal, quem ensina em EaD?* Sua sugestão de resposta (emprestada de Keegan, 1983) é: *Em EaD quem ensina é uma instituição*. Por considerar imprecisa a definição de uma instituição que ensina, preferimos nos referir a um *polidocente*<sup>5</sup>. Eis, portanto, a primeira precisão: *Quem é o docente da educação a distância ou Quem educa na EaD?* Nossa sugestão de resposta: *Em EaD quem ensina é um polidocente*.

Daí emerge a necessidade da segunda precisão para caracterizar o trabalhador da educação a distância como um teletrabalhador. Questão-chave: *Qual dos “profissionais” que compõem a polidocência da EaD está sob análise nesta investigação?* Antes de falar em *telepolidocência*, que seria a polidocência a distância, preferimos deixar claro que nem todos os trabalhadores da EaD realizam suas atividades a distância e, portanto, não podem ser caracterizados como teletrabalhadores.

Pelos dados coletados, observamos que, em geral, o grupo de profissionais que compõem a equipe de oferecimento de um curso pela educação a distância conta com:

- Um grupo coordenador da unidade de EaD, composto geralmente por:
  - ✓ Uma coordenação geral, por vezes casada com a coordenação administrativa, que dispensa comentários sobre suas responsabilidades.
  - ✓ Uma coordenação pedagógica, que cuidava do acompanhamento pedagógico (atividades de elaboração do material didático, relação tutor-alunos, adequação da metodologia etc.).

---

<sup>4</sup> O conceito de polidocência, introduzido por Mill (2002: 16), é similar ao conceito de “trabalhador coletivo”, tratado por Belloni (2003). Todavia, no texto de Mill (2002) poderão ser percebidas algumas distinções sutis, como a necessidade de focar o grupo de trabalhadores que desempenhariam o papel de docente. O conceito POLIDOCÊNCIA não se refere a qualquer coletivo de trabalhadores, mas ao coletivo de trabalhadores que, mesmo com formação diversa, é responsável pelo processo de ensino-aprendizagem de um determinado curso.

<sup>5</sup> Belloni (2003) utiliza o composto *professor coletivo*, mas também não o consideramos adequado, pois, além da importância do uso de apenas um termo para tal significação, a ideia de professor remete à necessidade de aula. Em geral, as atividades de ensino realizadas no âmbito da educação a distância não caracterizam o que tradicionalmente é denominado de *aula*.



- ✓ Uma coordenação tecnológica ou coordenação de informação e comunicação, responsável por produzir ou coletar e sistematizar informações sobre as atividades do curso para a tomada de decisão, gerenciando o fluxo das informações para viabilizar a comunicação entre os envolvidos.
- Um coordenador para cada curso oferecido na instituição, sendo responsável por todas as atividades e pelos professores do curso que coordena.
- Um coordenador para cada disciplina, responsável pela elaboração do conteúdo da respectiva disciplina e pela coordenação das atividades dos tutores e monitores vinculados a esta disciplina. Em alguns cursos, observamos que esses docentes oferecem “aulas” por videoconferências e que, por vezes, são equivocadamente chamados de *conteudista* ou de *professor*.
- Um grupo de tutores, em geral, divididos em duas ou mais categorias:
  - ✓ **Tutores virtuais**, responsáveis pelo acompanhamento pedagógico de um grupo de alunos e, ou, de um grupo de tutores presenciais, por meio de tecnologias virtuais. Este trabalhador é especialista na área de conhecimento da disciplina em que trabalha e está subordinado, em todos os sentidos, ao coordenador desta disciplina. Etimologicamente, ele é a imagem mais próxima do professor da educação tradicional.
  - ✓ *Tutores presenciais* ou locais, responsáveis pelo acompanhamento de um grupo de alunos do curso (em todas as disciplinas). Não é, necessariamente, especialista em nenhuma área de conhecimento (disciplina) do curso e sua função é pouco mais que assessorar os alunos no contato com o tutor virtual e com a instituição. Por vezes, são denominados de monitores.
- *Técnicos e monitores*, responsáveis pela viabilização técnico-pedagógica da comunicação, pela produção de material didático etc. (são animadores, webdesigners, informatas, digitadores, desenhistas ou um pouco faz-de-tudo).



Salvo por algumas variações nas denominações dos cargos ou funções, bem como na composição dos grupos, a relação acima constitui o conjunto de trabalhadores da educação a distância que compõem a *polidocência*<sup>6</sup>. Em algumas instituições, um mesmo profissional ocupava mais de uma dessas funções, mas nunca todas elas ao mesmo tempo. Por exemplo, alguns coordenadores de disciplina atuam também como coordenadores de curso ou como tutores virtuais. Trata-se apenas de um acúmulo de cargos, pois isso não elimina suas funções ou atividades no coletivo de trabalho da educação a distância. Observamos, ainda, que as instituições oferecem seus cursos com base em dois modelos: um do tipo virtual (quase totalmente pela Internet) e outro do tipo central-pólos (passível de realização de modo virtual ou baseado em outras mídias). Em ambos os casos, as avaliações, em conformidade com a legislação brasileira para a educação a distância, devem ser presenciais.

### **3. Logística do trabalho na educação a distância: tipo central-pólos e tipo virtual**

As propostas pedagógicas de programas de educação a distância brasileiros têm apresentado, como padrão de funcionamento, uma logística que pode ser dividida em dois “modelos”: um primeiro, funcionando quase que completamente pela Internet e sem apoio presencial ao aluno, sem ser, necessariamente, complementado por outras mídias, como o material impresso; e um outro “modelo”, estruturado a partir de uma central de oferecimento dos cursos e vários pólos de recepção e apoio presencial ao aluno. Em geral, esta segunda forma de organização pode acontecer pelo uso conjunto das mídias impressa, eletrônica ou digital, isto é, o curso é realizado por meio de: livro-texto, CD-Rom, vídeo, TV, Internet, videoconferência, rádio, entre outras mídias. A Universidade Aberta do Brasil (UAB), proposta pela SEED-MEC, é uma das mais

---

<sup>6</sup> Uma pequena precisão é necessária em relação ao que consideramos *polidocência*. Também na educação presencial temos outros profissionais participando do processo de ensino-aprendizagem: técnicos, laboratoristas, gestores etc. e não são considerados docentes. A precisão que queremos fazer diz respeito à obrigatoriedade de ter ou não esses profissionais não-docentes da educação presencial, ou, ainda de utilizar seus serviços ou não. Na educação a distância não há a opção de um único profissional realizar toda a “aula” porque, via de regra, a quantidade de aluno ou a complexidade do processo de trabalho impossibilita a “unidocência”. Se trabalhar um conteúdo ou “dar uma aula” isolada via Internet for considerado como EaD, logo, não há polidocência. Uma “aula ou palestra virtual” não configura EaD e pode dispensar a polidocência. Portanto, a *polidocência* pressupõe um programa de EaD com atividades e quantidade de alunos não-suportáveis para apenas um docente realizar ou atender.

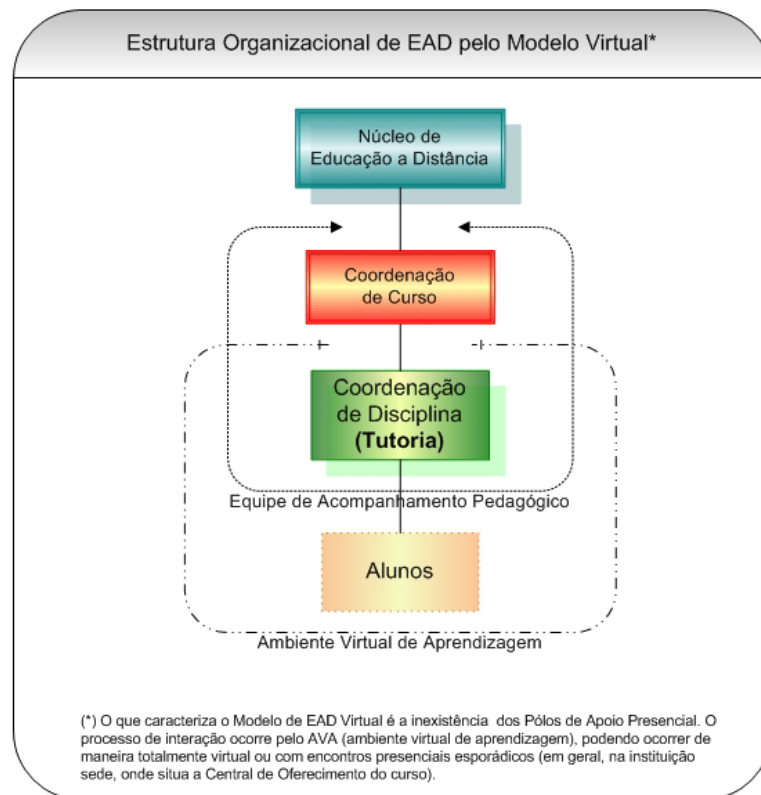




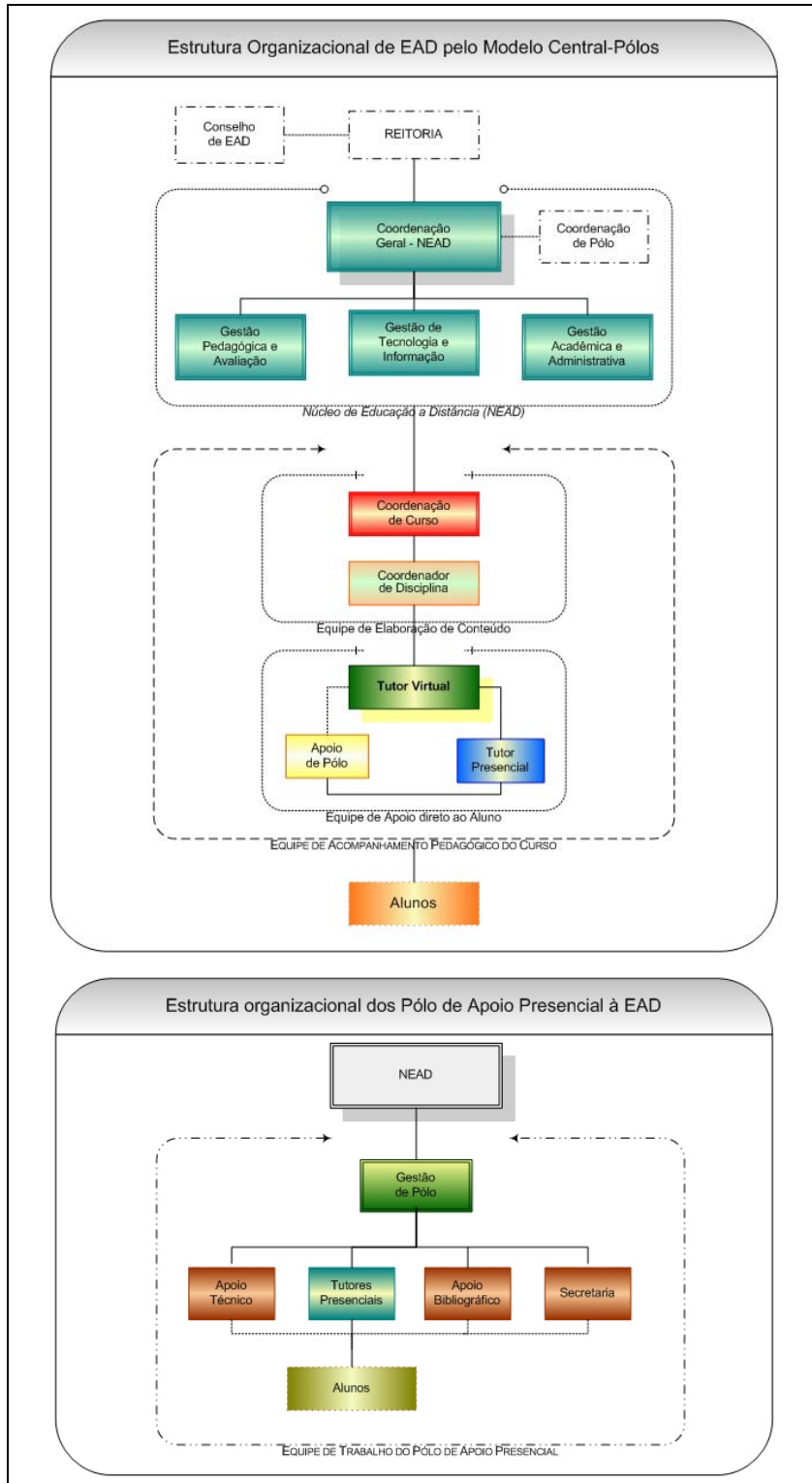
recentes experiências de grande porte que se propõe numa organização do tipo “central-pólos”.

Representamos graficamente os dois tipos (Figuras 2 e 3) com o objetivo de facilitar a visualização de onde estão localizados os educadores virtuais que contribuirão para nossa investigação. Todas as instituições onde coletamos dados enquadram-se num desses dois modelos.

Pela Figura 2, observa-se que o trabalhador da educação a distância que desenvolve atividades por meios virtuais é basicamente o **tutor virtual**. Esse docente pode ser o professor que desenvolveu o conteúdo ou o material didático do curso ou pode, ainda, ser algum outro trabalhador (ou grupo de trabalhadores) designado(s) para fazer o acompanhamento pedagógico dos alunos no ambiente virtual de aprendizagem (AVA).



**Figura 2.** Estrutura organizacional de cursos de educação a distância oferecidos por meios virtuais (Internet) — Fonte: Mill (2006).





**Figura 3.** Estrutura organizacional de cursos de educação a distância oferecidos por uma central e com o apoio de pólos presenciais — Fonte: Mill (2006).

Também na Figura 3 podemos verificar que o trabalhador que realiza as atividades virtualmente é o **tutor virtual**. Em geral, cada conteúdo pedagógico (ou disciplina) possui um grupo de tutores virtuais sob a coordenação de um educador que preparou o material didático (coordenador de disciplina). É preciso que fique claro que, nesta estrutura organizacional, em que o acompanhamento pedagógico dos alunos é feito com o apoio de uma equipe localizada geograficamente próxima dos alunos, também *é somente o tutor virtual que realiza as atividades a distância*. Ou seja, quando falamos em teletrabalhador docente, estamos falando basicamente de um grupo de trabalhadores específicos: os **tutores virtuais**. Apenas esses trabalhadores podem ser caracterizados como teletrabalhadores da educação a distância, e isso independe do modelo organizacional da proposta pedagógica. Foi por esse motivo que apenas os tutores virtuais participaram da presente investigação. Interessa-nos, portanto, apenas esse grupo de teletrabalhadores. Como dissemos, os diagramas das Figuras 2 e 3 tinham o simples objetivo didático de indicar a localização dos tutores virtuais na estrutura organizacional de uma Unidade de Educação a Distância.

Retomando a necessidade de definir qual trabalhador do grupo polidocente da educação a distância estamos analisando como um teletrabalhador, temos como resposta: o *tutor virtual*. Dentre o grupo de trabalhadores da EaD supracitados, ele é o único que consideramos como teletrabalhador, que realmente realiza suas atividades a distância sob as condições necessárias para configurar seu trabalho como um teletrabalho. Ainda que o coordenador de disciplina realize, eventualmente, videoconferências, isso é esporádico e não constitui sua função principal. Cabe a esse coordenador a preparação do conteúdo do material didático e a gestão das atividades dos tutores da sua disciplina. É possível, mesmo, definir que, ao realizar essa atividade de videoconferência, o coordenador está desenvolvendo uma atividade de tutoria virtual e não de coordenação.

Resumindo, o trabalho na educação a distância virtual não se configura como *telepolidocência*, visto que nem todos os trabalhadores ali envolvidos realizam atividades para justificar o *tele-* do teletrabalho. Por esse motivo, as análises sobre teletrabalho deverão ter como foco apenas o *tutor virtual*.



Por tutores virtuais estamos compreendendo os trabalhadores da educação a distância que realizam suas atividades por meio de tecnologias de comunicação a distância: telefonia regular ou “0800”, videoconferência, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), material escrito (livros-texto), entre outros. No acompanhamento pedagógico, o tutor virtual auxilia os alunos, à distância, no processo de construção do conhecimento. A comunicação entre tutores virtuais e alunos é estabelecida por meio do emprego pedagógico de tecnologias desenvolvidas com finalidades diversas aos propósitos educacionais<sup>7</sup>. Os processos comunicacionais mais comuns na educação a distância realizada por meio de tecnologias digitais estão representados na Figura 4.

Os processos de comunicação unidirecional, como aqueles estabelecidos por meio de TV, vídeo, rádio, CD-Rom e similares, podem estar enquadrados como complementares a qualquer uma das tecnologias comunicacionais da Figura 4. Na prática de acompanhamento pedagógico do tutor, essas tecnologias unidirecionais não possuem potencialidades para uso autônomo e independente. As redes interativas representadas nesta Figura 4 demonstram que a relação do tutor com o educando é tecnologicamente mediada, assim como também o é a relação entre o educando e o saber. No primeiro caso, a comunicação e a interatividade entre o educador e seus alunos dependem de tecnologias de informação e comunicação. Entre o educando e o conhecimento há a mediação dos materiais didáticos, em que o saber está objetivado sob a forma de uma mídia qualquer (livro-texto, CD-Rom, hipertexto, vídeo etc.).

#### **4. Recapitulação: quem são os tutores da EaD?**

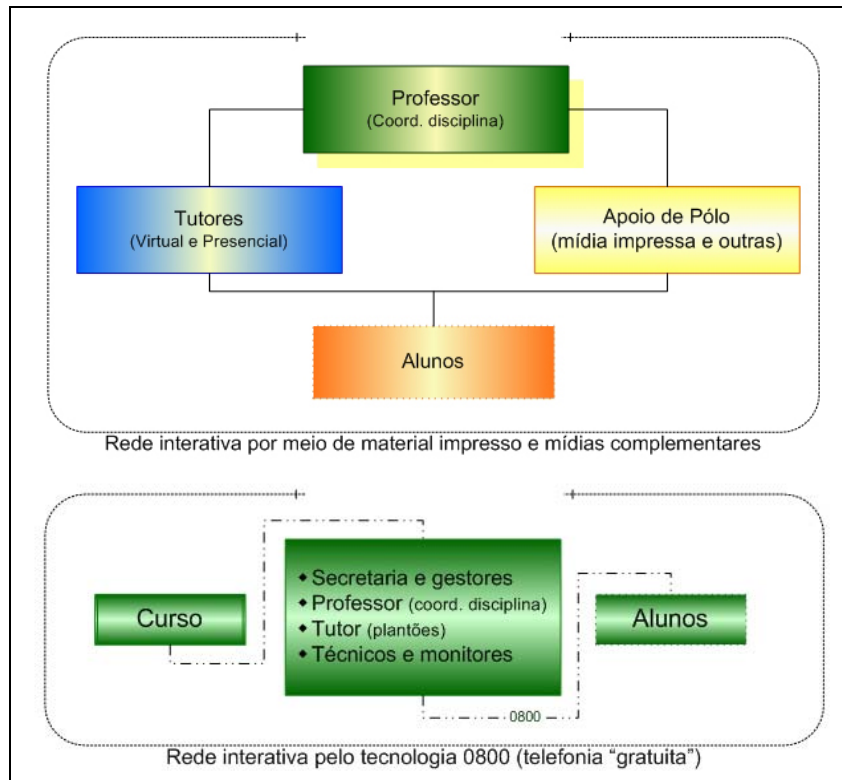
Para caracterizar o trabalhador da educação a distância virtual (especialmente o tutor virtual), preparamos algumas categorias que nos auxiliaram na sistematização dos dados coletados. Foram coletados dados com 150 tutores virtuais e os dados foram organizados em termos de saberes importantes, tecnologias utilizadas, mal-estares do trabalho, carga horária, quantidade de alunos atendida, tempo de experiência de magistério etc. Para melhor visualização dessa sistematização, sintetizamos tudo no

---

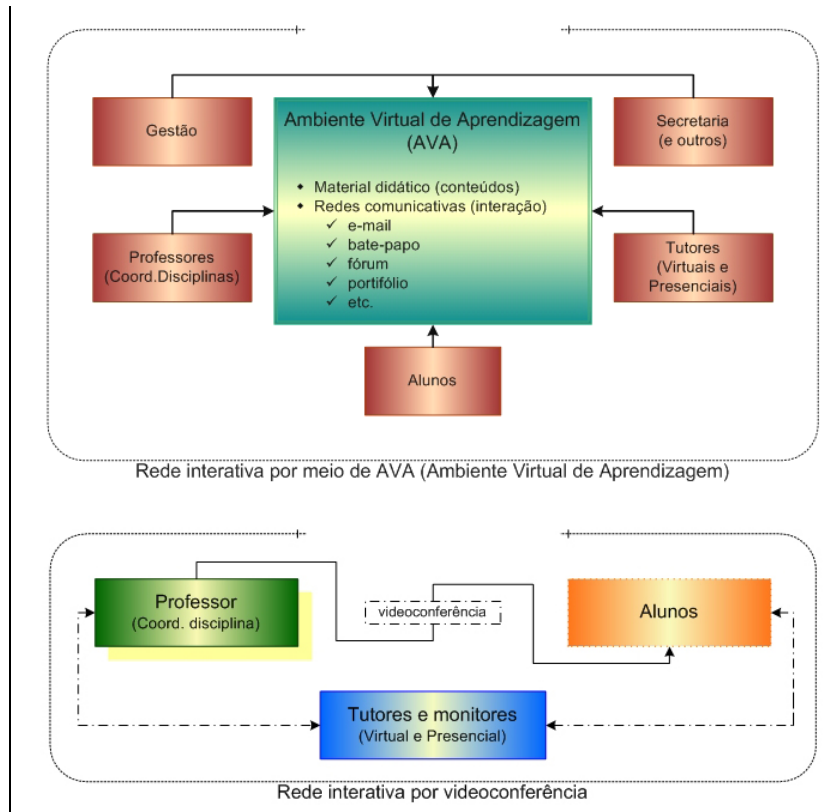
<sup>7</sup> Isto levou vários educadores à equivocada concepção de que as tecnologias comunicacionais e similares são tecnologias educacionais. Elas não são educacionais, pois não foram desenvolvidas para tal finalidade. Trata-se, isso sim, do emprego pedagógico de tecnologias de informação e comunicação. Na falta de um termo melhor, a associação entre os campos educacionais e comunicacionais deveria ser tratada como *educação e tecnologia* e não como *tecnologia educacional*. Tem muito de estratégia comercial (publicidade) e de interesses educacionais nessa terminologia “tecnologia educacional” e noutras similares.



Quadro 1. O detalhamento das análises feitas sobre os tutores pode ser consultado em Mill (2006).







**Figura 4.** Redes de interatividade e comunicação entre os docentes (tutores, coordenadores de disciplinas etc.) e os alunos — Fonte: Mill (2006).

**Quadro 1.** Caracterização sintética do perfil dos tutores virtuais participantes da investigação

<b>Categoria</b>	<b>Desdobramentos</b>
Logística de trabalho ou formas de organização dos tutores	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Tipo Central-Pólos</li> <li>▪ Tipo Virtual</li> </ul>
Formas comunicacionais ou redes de interação	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Material impresso com mídias complementares</li> <li>▪ 0800 (tecnologia de telefonia gratuita)</li> <li>▪ AVA (Ambientes Virtuais de Aprendizagem)</li> <li>▪ Videoconferência</li> <li>▪ Outros</li> </ul>
Perfil dos tutores que atenderam ao convite de participação da pesquisa:	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 60 % eram do sexo feminino</li> <li>▪ Maioria com dois filhos ou menos (12% tinham três filhos ou mais)</li> <li>▪ Quase 70% dos tutores possuem de 30 a 50 anos</li> <li>▪ A quantidade de alunos atendida por tutor variou entre 30 e mais de 200</li> <li>▪ Mais de 65% deles possuem mais de cinco anos de experiência no magistério (a grande maioria tinha mais de 10 anos de</li> </ul>



	<p>experiência)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Quase 88% dos tutores possuíam menos de cinco anos de experiência no magistério com EaD</li> <li>▪ A grande maioria dos tutores possui computador em casa com conexão rápida</li> <li>▪ A carga horária de trabalho com magistério presencial tende para 40 ou mais horas por semana, ao passo que mais de 60% da carga horária docente na EaD é de 1 a 20 horas por semana</li> </ul>
Mal-estares do trabalho virtual	Além de sensações de angústia, ansiedade e solidão, os tutores virtuais estão sob risco de dores e lesões no corpo (coluna, mãos, pescoço, lombalgia, fibromialgia, hérnia etc.) e problemas oftalmológicos ou posturais
Tecnologias utilizadas por docentes teletrabalhadores	Ambientes Virtuais de Aprendizagem, editores diversos, fóruns, bate-papo, videoconferência, material impresso, e-mail, hardwares em geral etc.
Competências desejadas para o teletrabalhador docente	Foi listada quase uma centena de saberes a serem dominados pelo tutor virtual, incluindo: leitor dinâmico, letrado digitalmente, ágil, pesquisador, motivador, crítico, curioso...
O que mais seduz no trabalho com EaD virtual	Segundo os tutores, o que agrada no teletrabalho docente é a flexibilidade espaço-temporal para realizar as atividades

## 5. Sobre a caracterização dos teletrabalhadores docentes: considerações finais

Com o desenvolvimento da EaD, surgem novas figuras profissionais no trabalho docente. A docência, que no ensino presencial é constituída por apenas um trabalhador, ganha desdobramentos no trabalho docente virtual. Na EaD, as atividades do professor são realizadas por um grupo de docentes, ao qual denominamos de *polidocência*. Neste trabalho, destacamos apenas um desses trabalhadores docentes: aquele que acompanha os educandos a distância, por meio de tecnologias de informação e comunicação, ou seja, o **tutor virtual**. Trata-se de uma figura-chave do processo educacional da EaD. Malgrado sua importância para o processo de ensino-aprendizagem, este trabalhador não parece estar submetido a condições de trabalho muito adequadas à idéia de educação de qualidade e de docência como profissão.

O trabalho na educação a distância virtual não se configura como *telepolidocência*, pois nem todos os trabalhadores da EaD realizam atividades para justificar o *tele-* do teletrabalho. Por esse motivo, as análises sobre teletrabalho devem ter como foco apenas o *tutor virtual*. Esse trabalhador é, geralmente, subordinado a um *coordenador de disciplina* (ou conteudista), que é responsável pela elaboração do material didático que o tutor virtual vai utilizar no acompanhamento dos alunos. Essa relação está submetida, claro, a todas as implicações da divisão social e técnica do



trabalho, influenciando aspectos como autonomia do trabalhador, subordinação e relações de poder, produção e distribuição do conhecimento etc.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUÁRIO BRASILEIRO ESTATÍSTICO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA, 2005. São Paulo: Instituto Monitor, 2005. (disponível também em [www.abraead.com.br](http://www.abraead.com.br)).

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

MARX, K. **Capital y Tecnologia** – Manuscritos Ineditos (1861-1863). México: Terra Nova. 1980. p.161-164 (Trad.: Elídio Marques).

MATTERLART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002.

MILL, Daniel. **Educação a distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia**. 2006. 322f. Tese (Doutorado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), Belo Horizonte, 2006.

MILL, Daniel. **Estudos sobre processos de trabalho em educação a distância mediada por tecnologias da informação e da comunicação**. Belo Horizonte: FAE/UFMG. 2002. 193p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

SINPRO-SP – Sindicato dos Professores de São Paulo. **Avaliação crítica da educação a distância**, São Paulo: SINPRO-SP, 2006, 26p. (livreto).